

IDENTIDADE E PÓS-MODERNIDADE: UMA ABORDAGEM EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Ronaldo da Costa Formiga

Resumo:

O presente artigo visa discutir um tema de extrema relevância nas Ciências Sociais: o conceito de identidade e sua relação com o que se compreende como pós-modernidade. Para tal, é imprescindível discutirmos premissas básicas da análise sociológica, onde se incluem pensadores clássicos como Durkheim, Weber, Marx, Tocqueville e, estabelecer, em seguida, as conexões com o surgimento das instituições modernas. Sabemos que o tema da modernidade, incluindo não apenas seu desenvolvimento passado como suas formas institucionais presentes é um problema sociológico crucial no atual século. O que pretendemos, com este artigo, é avaliar de que maneira o caráter institucional da modernidade juntamente às transformações da natureza da vida social cotidiana está entrelaçado com uma nova concepção que emerge neste contexto. A existência individual sofreu alterações significativas. Temos, por um lado, a globalização, com todas as suas implicações empíricas, metodológicas, históricas e teóricas, e, por outro, aquilo que determinados autores definem como a crise ou o declínio do indivíduo. A modernidade, afirma Ianni (2004), experimenta a crise da razão, que se manifesta, por sua vez, na referida crise do indivíduo. Não temos mais a ilusão acalentada, pela filosofia clássica sobre a relação de equivalência entre indivíduo e razão. Dissipou-se a ilusão da eternidade do indivíduo. Tecnificação das relações sociais, generalização da racionalidade formal e real inerente ao modo de operação do mercado capitalista, enfim, a sociedade vista como um complexo espaço de trocas. No reino da racionalidade instrumental, o indivíduo se dissolve. A suposta emancipação individual e coletiva não atinge seus objetivos, nem a nível nacional, nem a nível mundial. Se o desencantamento do mundo, tão bem analisado por Weber, revela, por um lado, a globalização tecnocrática, instrumental, mercantil, consumista, por outro lado, revela a alienação, como já previra Marx, do indivíduo e o esfacelamento do que se compreende como o "eu".

Palavras-chave: identidade, pós-modernidade, individualismo.

Introdução:

Para que se possa trabalhar a noção de identidade e associá-la à pós-modernidade, é necessário começar pela compreensão da modernidade e a interconexão entre influências globalizantes e disposições pessoais. É notória a constatação de que a modernidade não pode ser definida apenas pela racionalização simultaneamente ao fato de que se processou uma separação crescente do mundo objetivo (Besch, U, Giddens, A. Lasch, S., 1995) e do mundo da subjetividade, compreendido como o domínio do individualismo (Dumont, L. 1983).

A modernidade instituiu, então, a substituição de um mundo criado vontade divina e trouxe a dualidade da racionalização e da subjetivação. O triunfo das concepções racionalistas da modernidade deu espaço à imagem da sociedade caracterizada como um fluxo de mudanças incontroláveis onde os atores sociais elaboram novas estratégias de sobrevivência. O que, então, define a modernidade senão a relação razão/sujeito, racionalização/objetivação, ciência e liberdade? A alta modernidade (ou pós-modernidade) vivencia as seqüelas deste movimento ou ideologia modernista. Presenciamos, afirmam os mais diversos sociólogos, a dissociação completa do sistema e dos atores, do mundo técnico ou econômico e do mundo da subjetividade.

O sujeito pós-moderno busca, então, sua afirmação na luta contra os poderes que impõem sua dominação em nome da razão. O presente artigo se pauta, desta maneira, por três etapas de investigação. Em primeiro lugar, compreender quais são os mecanismos de auto identidade que se configuram com a modernidade. Como podemos compreender o “eu” na modernidade? Trata-se de uma entidade inerte, mero espetáculo de influências externas ou será que estamos diante de uma realidade que promove influências sociais que possuem consequências e implicações globais? O que significa individuar-se na vida social moderna?

Giddens (2002) traz o conceito de “reflexividade do “eu” que se associaria à “reflexividade institucional da modernidade”. Para o citado

autor, a modernidade, enquanto uma ordem pós-tradicional, não implica uma ordem em que as certezas da tradição e do hábito tenham sido substituídas pela certeza do conhecimento racional. O sujeito moderno vivencia a dúvida como permeando sua vida cotidiana, o que, por outro lado, caracteriza a razão crítica moderna. A dúvida é, assim, na modernidade, um elemento geral do mundo social contemporâneo. O conhecimento, agora, é mera hipótese e isto traz conseqüências decisivas para a chamada modernidade “alta” ou “tardia” ou “pós-modernidade”.

Diversidade de opções e possibilidade gera insegurança. Como conviver em meio a tantas alternativas? Possibilidades terapêuticas diversas se abrem para o indivíduo pós-revolução individualista (nos moldes de Dumont). Insegurança ontológica, ansiedade, depressão: sintomas já clássicos da modernidade tardia se apresentam como conseqüência de todo este processo que se estabelece na modernidade.

O presente artigo busca, assim, delimitar, inicialmente, os contornos da nova individualidade emergente com a modernidade. Tentaremos identificar as origens deste sentimento de desconfiança que se alastra pelos dias atuais. Desconfiança que nos traz a impressão, cada vez mais nítida, de caos social, caos identitário. Apatia, apocalipse, ausência de utopias marcam o mundo pós-moderno. Bauman (2000) traz o conceito de “modernidade líquida”, buscando traduzir o termo “fluidez” como principal metáfora para o estágio presente da era moderna. É o fim do panóptico foucaultiano (Foucault, M1975) como arauto do fim da era de engajamento mútuo. Afirma Bauman “As principais técnicas do poder são agora a fuga, a astúcia, o desvio e a evitação, a efetiva rejeição de qualquer confinamento territorial” (Bauman, 2001).

Modernidade, Flexibilidade e Cultura individualista.

Lasch (1985) ressalta a mediação da vida moderna por imagens eletrônicas, ao mesmo tempo que lembra que o velho sentido de identidade que se referia tanto a pessoas como a coisas perdeu sua solidez na sociedade

moderna. Vivemos um universal “desmanchar de sólidos” onde a iniciativa está com os objetos, as coisas. Compreendendo as coisas como os ornamentos simbólicos das identidades e as ferramentas dos esforços de identificação, as pessoas, deste modo, seguem as coisas, os objetos.

Lasch (1985) destaca a modernidade como um mundo em que as coisas deliberadamente instáveis são a matéria-prima das identidades, que se tornam necessariamente instáveis. Resultaria deste movimento, a necessidade de estar sempre em alerta, assim como a exigência da flexibilidade e velocidade para a adaptação aos padrões mutáveis do mundo externo. O poder opera não mais ao estilo panóptico, mas sinóptico, o que significa que muitos observam poucos. O mundo dos espetáculos supervisiona com o mesmo poder disciplinar anterior e a obediência a padrões flexíveis é alcançada hoje pela sedução e pela tentação em substituição à antiga coerção. O livre-arbítrio seria o disfarce, afirma Bauman, da sedução e não mais se revelaria como força externa.

Lipovetsky (1989) nos informa o quanto a cultura individualista comunga com a cultura do narcisismo, ao mesmo tempo em que aponta a modernidade tardia como um vetor de alargamento do individualismo. O neonacionalismo, decorrente da deserção do político, deflagra o fim do “homo politicus” e o advento do “homo psychologicus”. O “eu” na modernidade tardia é esvaziado de sua identidade e se torna alvo de todos os investimentos. O narcisismo pós-moderno empenha-se em ajustar a personalidade à crescente atomização engendrada pelos sistemas personalizados. Não mais “consciência política”, porém “consciência narcísica”. A dessubstancialização se torna, então, a figura da desterritorialização que caracteriza a pós-modernidade.

Uma vez delineados os mecanismos de auto identidade configurados na modernidade, procuraremos traçar o que define, efetivamente, os contornos da alta modernidade. Se a modernidade segregava, a alta modernidade experimenta novas e sutis modalidades de inclusão/exclusão. Como se estabelece e se configura a identidade pós-moderna? Para responder esta e outras questões associadas, podemos encaminhar nossas reflexões em duas suas etapas, quais sejam: a insegurança ontológica relacionada à pós-modernidade e a ansiedade associada à organização social e existência em estratos sociais urbanos e economicamente favorecida.

No que se refere à primeira sub etapa, o ponto de partida para nossas reflexões centra-se em como se processa a generalização do ceticismo referente à razão providencial. O que significa a crença de que a ciência e a tecnologia oferecem possibilidades inusitadas à humanidade e quais os novos riscos aí implicados? Como se articulam, no cotidiano do indivíduo pós-moderno, o “fracasso” do ordenamento racional do ambiente social e natural? A que remetem as concepções de previsibilidade e destino tão caras às eras pré-modernas e que se revelaram infrutíferas na pós-modernidade? A pulverização identitária seria simultânea à impossibilidade da predeterminação da existência individual na contemporaneidade? Como conviver, por exemplo, com noções como, por exemplo, a ideia de destino?

Ulrich Beck(1995) nos traz o conceito de “sociedade de risco” como concomitante à obsolescência da sociedade industrial. No sentido de uma teoria social e de um diagnóstico da cultura, Beck afirma que o conceito da sociedade de risco designa um estágio da modernidade em que tomam corpo as ameaças produzidas no caminho da sociedade industrial até então. Riscos globais e “processo de individualização” caminham lado a lado, o que significa dizer que ingressaríamos na turbulência da sociedade de risco global.

Enfim, interessa pensar como é a vida sem um curso predestinado e, portanto, exposta à contingência dos acontecimentos. Como se reflete em nossa existência social contemporânea o risco inerente à alta modernidade? A extrema reflexividade da modernidade tardia supõe conviver com possibilidades contra factuais? De que maneira este movimento é vivenciado pelo indivíduo pós-moderno? O que significa pensar a reflexividade do “eu” a partir de uma atividade social marcada pelo dinamismo e por novas modalidades de ansiedade?

Com base nestes questionamentos, podemos pensar os seguintes itens: (in) segurança ontológica, confiança, expectativas de vida na atualidade.

É possível estabelecer um cotidiano “seguro” em uma realidade social caracterizada pela imprevisibilidade? De que maneira o estabelecimento da confiança básica se encontra alterado pelos riscos inerentes à modernidade tardia? Qual a relação entre auto identidade, imprevisibilidade e risco? É possível saúde psíquica em uma realidade social sujeita à fluidez e efemeridade próprias à contemporaneidade? Se vivemos sob o domínio da

técnica, como afirma Heidegger (1958) e da “autonegação da vida”, como estabelecer expectativas existenciais em um mundo que se auto define como apocalíptico? Quais os efeitos concretos na realidade diária de sujeitos pertencentes às camadas médias de uma sociedade (como a sociedade carioca, por exemplo), onde o medo, a impotência e a impunidade são denunciadas exaustivamente na mídia? Enfim, o que significa ser “indivíduo” hoje?

Ansiedade e organização social: identidade e contemporaneidade

Uma segunda reflexão diz respeito aos temas “ansiedade” e “organização social”. Se compreendermos a ansiedade em relação ao sistema total de segurança que o indivíduo desenvolve e se a definirmos, em termos freudianos, como a ignorância do objeto (o que a diferencia do medo), é possível apontar a ansiedade como o estado inevitável e “natural” da contemporaneidade. Diferentemente de outras épocas, onde outras modalidades de ansiedade se delineavam, seria possível afirmar que a modernidade convive com a díade kierkegaardiana liberdade/ansiedade? E como se manifesta a ansiedade contemporânea numa sociedade (como a sociedade brasileira, particularmente nos grandes centros) no que diz respeito à configuração identitária? É possível estabelecer parâmetros existenciais sólidos em terrenos fundamentais da existência privada, como, por exemplo, a sexualidade? Como se alteraram as identidades masculina e feminina em função destas questões?

Uma terceira e última reflexão: como se estabelece a relação identidade, pós-modernidade, hedonismo? O que, em verdade, buscamos ressaltar é o que se observa como “culto à singularidade” tão em voga na contemporaneidade e que se revela, particularmente, visível nas camadas sociais favorecidas dos grandes centros urbanos, com mais acesso à educação e informação.

Sabemos que o “culto à singularidade” tem origem em Rousseau, prolonga-se com o romantismo e encontra o seu apogeu na segunda metade do século XIX. Freud pode ser considerado como uma consequência inevitável do individualismo radical no domínio econômico e traduziu, em sua obra, as aspirações do individualismo moderno no domínio da subjetividade e, portanto, da cultura.

O início do século XX é bastante claro quanto à crítica à moral protestante ascética, principalmente no setor artístico. Pouco a pouco, observou-se o esvaziamento de uma cultura hedonista a partir das novas modalidades econômicas e sociais configuradas pelo capitalismo e pelo consumo de massa.

Conclusão:

Se o hedonismo passou a ser o princípio axial da cultura pós-moderna, resta indagarmos quais os efeitos no processo da construção identitária na contemporaneidade e como ambas as identidade e hedonismo (e poderíamos incluir a questão do corpo e da sexualidade) se associam nos dias atuais. De que maneira o hedonismo em uma sociedade, como a sociedade brasileira, se apresenta? O que representa o atual individualismo ilimitado e hedonista? Qual a relação entre hedonismo, igualdade e eficácia nos moldes da ideologia neoliberal capitalista? O que significa o processo de construção identitária em uma realidade social que, em nenhum momento, é um todo unificado, coeso? Como se forjam as identidades neste começo de século XXI, marcado pela disjunção entre a estrutura social e uma cultura, que poderíamos definir segundo Berger (1998) como antinômica? O que significa a ideologia hedonista ter se imposto como valor último e legitimação do capitalismo na referida “modernidade tardia”?

Chegamos, então, a um ponto fundamental para a nossa pesquisa: o caráter fictício da unidade individual. Se o indivíduo não é um, mas múltiplo e contraditório (aqui residiria o verdadeiro por oposição à ilusão da unidade e identidade), o indivíduo é fragmento, gradação, devir. Acreditamos ser este o perfil da individualidade tardo moderna.

Estes conjuntos de questões compõem o debate que envolve como procuramos mostrar, neste breve artigo (e que não as esgotam) a relação entre identidade e contemporaneidade.

Referências:

- Bauman, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar Ed. 2001.
- Beck, U. , Giddens, A., Lasch, S. **Modernização Reflexiva, Política Tradição e Estética na Ordem Social Moderna**. São Paulo: Unesp, 1995
- Berger, P. **Construção social da realidade**. Rio de Janeiro, Vozes, 1998.
- Dumont, L. Essais sur l'individualisme. **Une perspective anthropologique sur l'individualisme moderne**. Paris, Seuil, 1983
- Giddens, A. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro; Zahar, 2002.
- Heidegger, M. **Essais et Conférences**. Paris, Gallimard, 1958
- Ianni, O. **Teoria das Globalização**.Rio de Janeiro;Civilização Brasileira, 2004.
- Lipovetsky, G. A Era do Vazio. **Ensaio sobre o individualismo contemporâneo**. Lisboa, Relógio d'Água, 1989.
- Lyotard, J.F. **O pós-moderno**. Rio de Janeiro. José Olympio, 1986.
- Maffesoli, M. **A Transfiguração do Político. A tribalização do mundo**.Porto Alegre, 1997.
- Ortiza, Renato. **Mundialização e Cultura**. São Paulo, Brasiliense, 1994.
- Touraine, A. **Crítica da Modernidade**. Petrópolis, Rio de Janeiro; Vozes, 1994.

*Doutor em Comunicação e Cultura/Eco-UFRJ, Professor adjunto Uva e Iserj/Faetec.

